



19. domingo depois de Pentecostes – (10.10.04) Próprio 23

1ª leitura (Antigo Testamento) – Rute 1 (1-7) 8-19a

O trecho selecionado para este domingo é apenas uma introdução à estória de duas mulheres, sendo Rute a moabita. Elas chegam a Belém com experiências amargas de viuvez, condição de miséria sem proteção. No entanto, a estória está cheia de surpresa do Evangelho, boas novas.

Nessa estória Deus trabalha com gente que, duplamente, sofria a humilhação. Viúva e mulheres eram consideradas inferiores. Além disso, Rute era moabita. Porém a estória reconhece que Rute era superior como parceira da Aliança. Sua solidariedade para com Noemi excede a qualquer membro de Israel. "Para onde fores, irei...teu povo será meu povo, e teu Deus, meu Deus." (1.16ss).

No contexto patriarcal e machista, Rute é reconhecida. "Pois tua nora, que te ama, o deu à luz: ela vale para ti mais do que sete filhos", disseram as mulheres a Noemi a respeito de Rute. (ST)

2a leitura (Epístola) – II Timóteo 2 (3-7) 8-15

Alguém já definiu o ministro como um "servo dos servos de Deus". Ser servo significa estar não apenas pronto, mas também disposto a servir a todos, e em qualquer circunstância. No texto da Epístola de hoje, Paulo está encerrando suas admoestações para o jovem ministro, apresentando suas "razões" pelas quais prega, sofre e anuncia o Evangelho. Neste texto encontramos três elementos indispensáveis no encorajamento final que Paulo faz ao jovem ministro Timóteo. Senão vejamos:

Em primeiro lugar, encontramos uma definição do Evangelho (v.8). No capítulo primeiro ele já havia falado na necessidade de manter o "padrão das sãs palavras" e de guardar o "bom depósito". Este núcleo do Evangelho, contudo, nos é apresentado agora, pelo apóstolo Paulo. Para ele, o evangelho pode ser resumido às seguintes palavras: "Jesus Cristo, descendente de Davi, ressuscitou dentre os mortos". Neste breve sumário do evangelho Paulo está praticamente dando um testemunho pessoal de sua experiência. Esta fórmula primitiva que ressalta a descendência davídica do salvador, é, provavelmente, de origem judaico-cristã. Aqui, e em Rm 1:3-4, encontramos os dois únicos refrões do tipo credo que ressaltam este fato.

O fato que precisa ser ressaltado aqui é que, na comunidade primitiva, esta frase significava o coração da mensagem do evangelho. Mais do que isso, a crença nesta ressurreição era tão importante, que tudo o que será dito mais adiante, dependerá, completamente, do que foi dito aqui. A fé na ressurreição nunca deverá ser vista apenas como um elemento do credo, ao lado de outros elementos de igual importância. A ressurreição exige fé daquele que crê no evangelho. E crer não é



apenas um assentimento intelectual. A fé no Cristo ressuscitado exige um comprometimento real na vida.

Em segundo lugar, encontramos uma explicação do sofrimento (v.9). Uma vez que a fé no Cristo ressuscitado implica necessariamente em assumir uma postura diante da realidade, no verso 9 Paulo explica as conseqüências de se crer neste evangelho. Diz o apóstolo: "por causa do qual eu soffro". E seu sofrimento é qualificado: soffro "como malfeitor". Esta palavra "malfeitor" (kakourgos) foi a mesma usada para qualificar os ladrões que morreram ao lado de Jesus. Kelly ressalta que "na linguagem técnica jurídica era reservada para assaltantes, assassinos, traidores, e pessoas assim". Sua situação, na masmorra nerônica, era agravada pelo fato de estar algemado.

Esta é a condição que deve acompanhar aqueles que se envolvem com este evangelho. Eles devem se acostumar em serem alvos de injustiça e de perseguição. Nossa fé no Cristo vivo deve nos fazer levar até as últimas conseqüências nossa relação com o Reino de Deus. Nossa fidelidade é apenas a Ele. Mesmo que a pregação do evangelho nos coloque em situações difíceis, devemos sempre lembrar que, "a Palavra de Deus não está algemada" (v. 9). Ela não pode ser aprisionada por um sistema. Nosso comprometimento com a pregação da Palavra de Deus via de regra nos leva ao choque com os valores do "anti-reino", mas não devemos desanimar. Quem acredita que Cristo sofreu e ressuscitou, também acredita que a "vida" vai vencer a "morte", e todos os seus aliados, no final da história.

Em terceiro lugar, encontramos uma razão pela qual suporta (v.10). Uma vez que se sabe qual é o centro do Evangelho e que se leva este evangelho a sério e até as últimas conseqüências, agora Paulo explica, porque suporta tudo isso. Segundo ele, ele assim o faz "por causa dos escolhidos" (v. 10). Estes eleitos ou escolhidos são aqueles a quem Deus escolheu para abraçarem o Evangelho (Rm 8: 33). Paulo passa por tudo isso para que eles "alcancem a salvação que está em Cristo Jesus". Não se trata de ser visto, simplesmente, como um "bom exemplo". Paulo está nos dizendo que sua perseverança em suportar as dores e em testemunhar de Cristo, realmente faz com que pessoas conheçam a salvação que está em Jesus, e desta forma, a "glória eterna". Ele encerra sua argumentação citando um hino que provavelmente era cantado nas cerimônias batismais na comunidade cristã primitiva. Neste hino aprendemos a acreditar que, porque nosso Senhor é fiel, ele cumprirá suas promessas para com aqueles que testificaram e sofreram, glorificando-os.

A crença nisso é tão importante que, segundo nos diz Matthew Henry, quando a encarnação e a ressurreição de Jesus Cristo é fortemente crida e corretamente considerada, ela "dará suporte ao cristão sob todo tipo de sofrimento na presente vida". É por isso que a palavra testemunhar (martyria) acabou vindo a significar, com o passar dos tempos, um tipo de morte sofrida por causa da crença que se professa. Será que ainda hoje estaremos dispostos a afirmar a ressurreição com a mesma fé que os cristãos primitivos afirmavam? Ou ela, para nós, não passa de mais um item de nosso credo? (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 17.11-19



Na caminhada a Jerusalém, Jesus passou pela Samaria. Nessa região, vieram os dez leprosos clamando pela salvação. É bom se lembrar de que o clamor do Êxodo 6 percorre o Antigo Testamento e Novo Testamento. E Deus ouve o clamor. Como em 5.14, Jesus mandou os leprosos aos sacerdotes. Aqui é possível perceber que Jesus não desprezou a instituição de saúde.

Quem eram os leprosos? Gente excluída da comunhão normal da comunidade por causa da discriminação. Hoje há muita gente discriminada e excluída do convívio social. Sobre a lepra leia Levítico 13 e 14. A lepra era alguma coisa que se extravasava dos limites da enfermidade e incluía mancha nas paredes. E havia a crença de que a lepra era sinal do castigo de Deus. Por isso, essa mancha, doença ou não, estava carregada de conotação "religiosa".

A narrativa trabalha em torno do ver. Jesus vê a necessidade e o sofrimento deles e prontamente age em favor deles.

Na verdade, os dez leprosos foram curados. O clamor deles foi ouvido. No entanto, somente um viu-se curado, foi tomado pela gratidão e voltou para dar graças a Deus. O clamor pela misericórdia tem sua resposta adequada na ação de graças, no louvor de Deus. (Ver, por ex., Sl 30.10-12).

Essa estória mostra, de certa forma, instâncias da fé que os discípulos pediram a Jesus: aumenta a nossa fé, (17.5) e retoma o vs.10. E traz, também, um desafio. A fé se expressa em ação de graças. O relacionamento de confiança com Deus em Cristo tem a dimensão do reconhecimento agradecido. A fé é consequência do Espírito Santo na vida das pessoas. Essa estória da fé nos apresenta um desafio. A fé aparece nas pessoas de quem não se esperava.

A ação de Jesus ocorreu na área samaritana. E um que voltou para dar graças a Deus foi samaritano. Com isto o Evangelho anuncia que o amor de Deus, a preocupação divina pela salvação é para com toda a humanidade. Deus não faz discriminação, por isso é preciso sobrepujar os preconceitos que impedem comunhão verdadeiramente fraterna.

É bom se lembrar da estória de Eliseu e Naamã em 2 Reis 5 e sua referência por parte de Jesus na sua proclamação inaugural na sinagoga de Cafarnaum, que resultou em sua expulsão, (4.27ss.).

A leitura de Rute e do Evangelho tem pontos convergentes no sentido de que a Cruz e a ressurreição de Jesus Cristo derrubaram as muralhas de separação, de desentendimento, entre as pessoas, raças e povos. Por isso, é preciso anunciar, viver e assumir o compromisso do Evangelho. A Epístola está voltada para a organização da comunidade missionária. É preciso que a comunidade continue a ser apostólica. O modelo é Paulo, o apóstolo. Para isso é preciso que o Evangelho da Ressurreição tenha efeito nos muros criados dentro da Igreja pelo desvio do ensino, das contendas, das conversas vãs. É preciso que todos tomem a consciência de que eles têm compromisso missionário. Os votos batismais falam nesse sentido. A missão apostólica pode também relacionar as três leituras. (ST)